

“DIVERSOS ‘BRASIS’ EM UM BRASIL”: O ESTRANHAMENTO APAIXONADO NO ENCONTRO DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA COMO PRÁTICA DE APRENDIZAGEM TURÍSTICA

DUARTE, Vanessa Ercolani

Graduanda em Antropologia - Universidade Federal de Pelotas / dumeucoraxao@yahoo.com.br

MONTEIRO, Maria de Fátima Mussi Carneiro

*Pesquisadora do Centro de Investigação em Turismo e em Hospitalidade – CITH /
fafamussi@ibest.com.br*

1 INTRODUÇÃO

A problematização que especifica este trabalho é des-cobrir através das narrativas dos turistas em torno de suas experiências com as práticas turísticas as trocas simbólicas configuradas no encontro com os nativos, tendo como objeto de estudo as aprendizagens do turista através de suas experiências no mundo do outro.

Desde os primórdios de sua existência, o fenômeno turístico caminha lado a lado com a antropologia, marcando territórios, transformando culturas e inter-relacionando costumes. Para que isso aconteça existe, nas práticas turísticas de encontro, o estranhamento apaixonado que atua, em todas as suas maneiras, no mundo emotivo de um indivíduo - modificando, marcando ou “tocando” no lado emocional do ser humano. O Turismo, na experiência singular de seu encontro, pode ser compreendido a partir do exercício do método etnográfico.

“Aqueles que trabalham com as práticas turísticas, conscientemente ou não, estão submetidos à tensão do fenômeno do encontro que tem na heterogeneidade social e na diversidade cultural a base fundante das práticas turísticas.” (MONTEIRO, 2004. p.14)

O encontro humano, intelectual, social e religioso e as trocas simbólicas (juntamente com o estranhamento apaixonado) que as práticas turísticas sustentáveis produzem carregam em sua historicidade a essência e a alma de um povo, motivando nações e perpetuando culturas. Atenta-se, assim, para uma interpretação do modo de vida que não extrapole os horizontes mentais daquele povo e não fique sistematicamente surda às tonalidades de sua existência.

Para que possamos experimentar as trocas simbólicas do estranhamento apaixonado nas práticas turísticas sustentáveis precisamos nos permitir vivenciarmos tal fenômeno para podermos, assim, transitar durante um bom tempo entre o mundo do outro e o encontro com o nosso ponto de vista pessoal. Aprender a transitar é, deste modo, percorrer hipóteses ascendentes, crescentes em ajustamento lógico do conteúdo, mas sempre muito lógicas do ponto de vista psicológico.

Desvelar os caminhos das aprendizagens através do exercício do método etnográfico nos contornos das práticas turísticas, desvendando, assim, de uma maneira explícita, temporal e de fácil entendimento, as aprendizagens do turista através de suas experiências no mundo do outro foi o objetivo principal desta pesquisa.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O exercício do método etnográfico juntamente com as diferentes técnicas de que ele dispõe, delinearão este projeto de pesquisa. No contexto das técnicas etnográficas que envolvem esta pesquisa fez-se necessário o uso da observação participante (Malinowski), o uso de um vocabulário que se adapte ao fácil entendimento, saídas de campo ligadas às entrevistas, experiências vividas nas trocas simbólicas com os nativos e as aprendizagens do turista no mundo do outro, registradas em diário de campo. Foram nas saídas de campo – consideradas como sendo um produto transformador da construção de um conhecimento específico – que encontrei as maneiras de analisar as informações que me eram fornecidas e obter os resultados necessários para a conclusão deste trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos “evidente”. Aos poucos, notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de “natural”. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. Tal processo exige uma sensibilidade aos “termos [que as] pessoas realmente se representam para si mesmas e para os outros, em cada um desses lugares” (GEERTZ, 1997. p.89).

O conhecimento da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única, sendo fundamental atentarmos para as subjetividades que emergem na relação com o outro. Nas palavras de Geertz:

“É possível relatar subjetividades alheias sem recorrer a pretensas capacidades extraordinárias para obliterar o próprio ego e para entender os sentimentos de outros seres humanos. Possuir e desenvolver capacidades normais para essas atividades é, obviamente, essencial, se temos esperança de conseguir que as pessoas tolerem nossa intrusão em suas vidas ou de que nos aceitem como seres com quem vale a pena conversar. Mas seja qual for nossa compreensão daquilo que nossos informantes, por assim dizer, *realmente* são, esta não depende de que tenhamos, nós mesmos, a experiência ou a sensação de estar sendo aceitos, pois esta sensação tem que ver com nossa própria biografia, não com a deles. Porém, a compreensão depende de uma habilidade para analisar seus modos de expressão e o ‘sermos aceitos’ contribui para o desenvolvimento desta habilidade.” (GEERTZ, 1997. p.106)

Partindo-se do pressuposto de que a experiência da alteridade acontece quando reconhecemos, de alguma maneira, no mundo do outro, o “vasto mundo” que o fenômeno turístico envolve, universo que é de extrema importância para a análise das trocas simbólicas dos turistas com os nativos. Considerando-se que

nem um nem outro podem fugir do processo de aculturação presente nessas vivências – processo este fundamental para uma pesquisa etnográfica.

Adriana Pisoni, professora de Turismo, quando questionada sobre o motivo que a levou a fazer uma viagem para Itacaré, em Salvador-Bahia, proferiu: “Tinha um imenso desejo de conhecer o lugar. A cultura é diferenciada, suas paisagens são lindas, o impacto cultural foi enorme. Diversos ‘Brasis’ em um Brasil”. No que concerne a reflexão sobre a relação com o outro, esta interlocutora afirma que “as diferenças que existem são ‘fatos reais’, [e que] existiram várias limitações, mas não atrapalharam o meu interesse em desvendar o que, até então, me era desconhecido. Na maioria das vezes achamos que a nossa realidade cultural é a correta, e no encontro com o mundo do outro percebemos que as diferenças existem e são reais.”

Eneida Izabel Richter, docente na área de Arquivologia, quando questionada sobre sua visão acerca do nativo, em sua viagem para a Patagônia, na Argentina, destaca: “Vejo o nativo como um integrante do meu círculo cultural - que está sendo formado naquele momento”. No que se refere ao seu comportamento e posicionamento diante das diferenças culturais, ressaltou: “Procuro me integrar, pois ‘em Roma come-se com os romanos’”.

Para entender as concepções alheias é necessário que deixemos de lado nossa concepção do que é cultura e busquemos ver as experiências de outros com relação à sua própria concepção do “eu”. O nível da intensidade das práticas turísticas, analisadas individualmente, depende do desprendimento do indivíduo (turista) com relação aos seus costumes e aos seus valores humanos singulares juntamente com sua vivência e experiências existentes nas trocas simbólicas do encontro com o mundo do outro (nativo).

Assim, o saber-fazer presente no fenômeno turístico, em todas as suas “tipologias”, não pode ser definido, apenas, tendo como base um conhecimento científico, mas levando-se em conta o mundo individual das partes envolvidas (turista e nativo) e suas trocas simbólicas experimentadas e delineadas com a experiência da alteridade.

4. CONCLUSÕES

A prática turística contemporânea tornou-se, de uma maneira mais profunda, uma evolução da ideologia em função do amadurecimento do pensamento humano e intelectual - em relação às práticas sociais que ele envolve. Para que exista o “encontro”, em todas as suas formas e singularidades é necessária a materialização das trocas simbólicas, bem como o acontecimento de um estranhamento apaixonado. Muitas vezes torna-se imperceptível a influência que o impacto das diferenças culturais exerce na vida pessoal de cada um. Deve-se estar atento a essas peculiaridades para que exista uma compreensão maior de como ocorre a interpretação e o entendimento de determinadas diferenças. Interpretando as práticas turísticas de encontro, suas trocas simbólicas e a experiência da alteridade, é possível aprofundar o processo de significação da cultura do outro.

5 REFERÊNCIAS

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MONTEIRO, Maria de Fátima. Antropologia e Turismo Sustentável – um início de conversa. **Caderno didático do Turismo**, Porto Alegre, Ano 1, 2004.

PAIN, Sara. **Revista do GEEMPA**. Porto Alegre: Editora Pallotti, 1997.